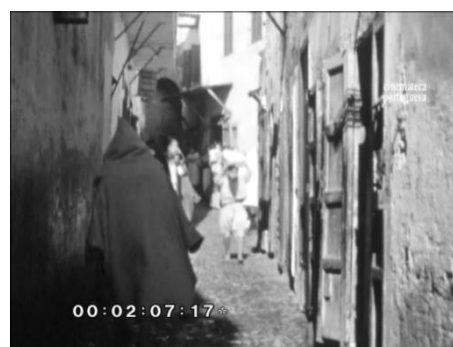
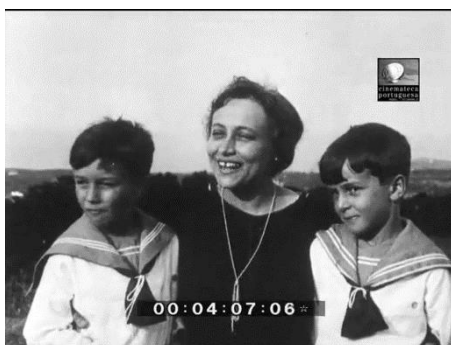


Cinemateca Júnior & Cinemateca Digital FILMES AMADORES

A partir de uma coleção de filmes portugueses, vamos passear pela nossa história e geografia, mergulhar no mundo dos avós, bisavós, trisavós e tetravós e trazer desse mergulho peças preciosas e raras que nos ajudam a conhecer melhor aqueles tempos, outros usos e valores e por acréscimo conhecer melhor o nosso tempo. Perceber que não vivemos sempre assim, que houve tempos sem internet, sem telemóveis, sem televisão, sem trânsito, sem pressa, sem poluição, quase sem carros, sem aviões, sem liberdade, sem democracia e sem sapatos. Esta viagem vai fazer-se através de representações digitais de filmes disponíveis na **Cinemateca Digital**. Filmes, sobretudo, de atualidades ou documentais, mas também pequenos filmes de animação e comédia, que abordam temas muito variados, alguns familiares outros nem tanto. Tragam a câmara fotográfica ou de filmar porque vamos a um encontro de família em São Miguel e depois vamos a Marrocos.



MEMÓRIAS: FILMES AMADORES | FILMES DE VIAGENS & FILMES DOMÉSTICOS (dos 8 aos 80)

Os filmes amadores são tão antigos quanto o cinema. Se pensarmos bem, os primeiros filmes foram feitos por “amantes” e por “amor” à imagem em movimento. Não havia escolas de cinema, nem profissionais, toda a gente estava a aprender, dos irmãos Lumière a George Méliès, de William K. Dickson a James A. Williamson, de Aurélio Paz dos Reis a Manuel Maria da Costa Veiga, só para referir uma minúscula amostra de pioneiros do cinema em França, nos Estados Unidos, no Reino Unido e em Portugal, sem contar com

todos os outros que nestes e noutros cantos do mundo davam os primeiros passos no cinema. A profissionalização do cinema chegou muito rápido e muito antes das escolas, portanto fez-se e aprendeu-se a fazer cinema antes de haver escola formais, aprendia-se fazendo com a orientação de quem fazia há mais tempo e as produtoras de cinema eram as grandes escolas informais. Este cinema, ainda dos primórdios e sem escola, era já profissional. Não é, portanto, desse que falamos aqui, mas daquele que se faz fora da escola formal e informal e que é feito por puro deleite, sem contrapartida financeira, ainda que saibamos que muitos daqueles que fazem cinema de forma profissional o fazem por paixão, sobretudo em Portugal, onde continua a ser um ganha pão incerto. Em suma, o cinema amador de que falamos é aquele que é feito por amor nos tempos livres.

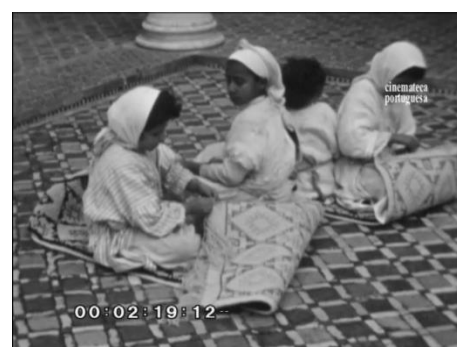
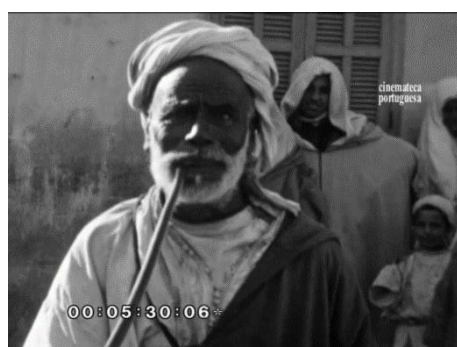
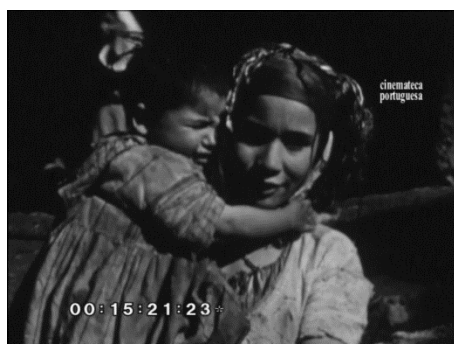
Os cineastas amadores fazem filmes sobre os mais variados temas, mas os mais frequentes são os filmes de viagens e os filmes ditos domésticos ou familiares, e é fácil perceber porquê. Porque filmam sobretudo aquilo que querem recordar. Aqui propomos dois filmes dessas categorias. O primeiro é um filme de família e o segundo é um filme de viagem: SÃO MIGUEL, 1924 – UM FILME DE FAMÍLIA e VIAGEM A MARROCOS (1934).



Os filmes, amadores ou profissionais, são documentos riquíssimos para comparar ao longo do tempo a evolução da técnica e da linguagem cinematográfica, mas são também documentos preciosos para sociólogos e historiadores. Permitem perceber as mudanças nos costumes, nas formas de estar e pensar, nos modos de vida de cada estrato social ou na evolução do modelo de família. Por outro lado, a história, a sociologia e outras ciências sociais também permitem saber muitas coisas sobre como e quem faz filmes em cada época, mesmo sem se ver um minuto desses filmes.

Nos anos vinte e trinta do século passado muito poucas pessoas teriam câmaras de filmar para uso privado. Só muito mais tarde, na década de oitenta e noventa, com o aparecimento do vídeo, e no princípio do século XXI com o digital, se tornaram bastante mais acessíveis e democráticas. Hoje em dia, um “telemóvel inteligente” é tudo o que precisamos para fazer um filme amador. Em 1924, muito poucas famílias teriam condições de registar em película os seus encontros e celebrações e dez anos depois, o ano da “Viagem a Marrocos”, uma câmara de filmar continuaria a ser um luxo e também muito poucas pessoas fariam férias, muito menos ainda fora do país e por um período tão longo quanto o itinerário sugere - Tanger, Casablanca, Marrakesh, Tameslouht, Asni, Rabat, Meknes, Moulay Idris, Fez, Sefrou, Tanger, Portugal. Antes mesmo de vermos os filmes, só pelo facto de sabermos que são filmes amadores realizados na primeira metade do século passado, conseguimos adivinhar a condição social de quem os faz e as condições técnicas em que foram feitos.

No primeiro filme, SÃO MIGUEL, vamos conhecer a família Pimentel e amigos, entre eles seguramente o realizador Charles Mallet. Ainda que amador, houve muito cuidado na realização deste filme. Percebe-se que se estudaram os planos, com direito a número e título e que a posição da câmara e dos “atores” foi pensada. Vejam por exemplo o quadro - *A chegada do avozinho “O Assalto”*. A câmara foi colocada no sítio exato em que poderia captar o carro à distância, a fazer a curva no jardim e apanhá-lo de perto quando parasse literalmente à sua frente. Não se esqueçam que em 1924 as câmaras eram pesadas e que estavam apoiadas em tripés e o máximo de movimento que se fazia com facilidade era girá-las sobre o seu eixo. Portanto, se não houvesse alguma “encenação do real”, as cenas seriam confusas ou não se passaria nada de interessante à frente da objetiva. Hoje em dia seria possível filmar com alguma facilidade e de forma espontânea um quadro semelhante ao do “Assalto” porque as câmaras não profissionais são leves e com a ajuda dum estabilizador podem mover-se tanto quanto a destreza física do realizador.



Uma viagem a Marrocos feita nos dias de hoje é uma espécie de portal mágico que nos remete para uma combinação de vários tempos, o moderno e o tradicional, em aparente harmonia, mas a Marrocos dos anos trinta, vista pelo olho do nosso realizador amador, é a tal viagem no tempo total, só quebrada pelas breves aparições de carros e autocarros e das cenas familiares em que o realizador filma a sua companheira de viagem em momentos tão domésticos e ocidentais quanto a toma dum chá no hotel ou um momento de costura. Tudo o mais é um fervilhar de vida de rua com os vários ofícios exercidos à vista, em oficinas abertas para o espaço público; espetáculos com serpentes; malabaristas e tocadores de gnaua. O mundo rural ainda presente nas cidades. Muitas carroças, muitos burros, cabras e ovelhas, cavalos e dromedários em plena urbe, medinas cheias de gente e mercados em todos os locais visitados, poucas mulheres, sempre bastante cobertas, muitas crianças e muito trabalho infantil. Este festival de vida é filmado com muito ritmo apesar da câmara ainda ser grande e pesada e de estar a maior parte do tempo fixa. O realizador acompanha o fervilhar dos acontecimentos com muitos planos curtos, ou seja filmando um grupo de pessoas durante pouco tempo, depois desligando a câmara e mudando a posição para filmar um miúdo que passa, desligando e mudando novamente a posição para filmar a rua ao lado e assim por diante. Também há planos mais longos quando filma ambientes mais calmos e rurais ou quando faz panorâmicas das cidades em pontos altos.

FILMES:

[clica na ligação a azul](#)

[S. MIGUEL, 1924 - UM FILME DE FAMÍLIA](#)

Charles Mallet – Realização, Portugal, 1924

Género: Filme amador, Duração: 00:06:38, 16 fps, Formato: 35 mm, PB, sem som

[VIAGEM A MARROCOS - FEVEREIRO 1934](#)

Autor desconhecido, Portugal, 1934,

Género: Filme amador, Duração: 00:35:09, 16 fps Formato: 16mm, PB, sem som

PARA PENSAR depois de ver os filmes:

Um filme amador sobre um encontro familiar feito nos dias de hoje seria muito diferente. Não só porque os dispositivos de filmagem ofereceriam muito mais possibilidades, entre elas as mais óbvias como a cor e o som, mas também outras como a maleabilidade que permitiria, por exemplo, captar vários momentos sem que as pessoas envolvidas se apercebessem que estavam a ser filmadas ou acompanhar de forma mais fluída os seus movimentos ou até mesmo fazer planos aéreos com a ajuda de um drone. Mas há outras razões pelas quais o filme seria diferente. Consegues imaginar quais? Já sabemos que os filmes domésticos na década de vinte do século passado eram um privilégio das classes abastadas. Mas mesmo nesse meio, existem hoje muitas famílias alargadas com pais, filhos e netos a viver, ou a poder viver, na mesma casa? E em casas tão grandes quanto a Villa Alba? As crianças hoje em dia, mesmo as das famílias mais endinheiradas, brincam com burros? Estudam com os avós ou mesmo com os pais? Aproveita estas pistas e procura outras diferenças.

As diferenças técnicas nos filmes de viagens são exatamente as mesmas. Quanto ao conteúdo, imaginando que a viagem fosse também a Marrocos, seria possível continuar a filmar uma vida fervilhante de rua, mas já se apanhariam muitos marroquinos vestidos de maneira ocidental e sobretudo muitos turistas. Mas talvez a grande diferença fosse uma muito maior presença do realizador e companheiros de viagem nas filmagens, ou seja a cultura da “selfie” aplicada ao cinema. “Vejam a Júlia no deserto, e aqui o António de jilaba, e ali os dois em cima do dromedário e os dois à mesa a comer uma tagine de borrego”. Pensa no que farias se fosses tu a realizar o filme. Conseguias fazer um filme em que tu ou os teus companheiros de viagem quase não aparecessem?

e PARA FAZER:

Filmes de viagem só em tempo de férias, portanto propomos que sejas um realizador amador e que filmes o que tens mais à mão – um filme de família ou um filme de bairro. Podes fazer um filme contemporâneo com tudo aquilo que o teu telemóvel, máquina fotográfica ou máquina de filmar permitir – cor, som, etc. – ou optar por fazer um filme à antiga, imaginando que a tua câmara pesa vários quilos e que não pode ser movida facilmente, que só filma a preto e branco e que talvez ainda não capte som. O filme deve ter entre 1 e 5 minutos. Mãos à obra!

Envia-nos o teu trabalho, o teu nome e idade, para o email: cinemateca.junior@cinemateca.pt.

Vamos oferecer como prémio de participação bilhetes para sessões de cinema quando a sala da Cinemateca Júnior reabrir (bilhetes para duas sessões à escolha, para toda a família, até quatro bilhetes por sessão).

As escolas também podem participar. Enviem-nos o(s) vosso(s) filme(s) amadore(s) com o tema mais óbvio – a própria escola. Oferecemos uma sessão gratuita de cinema para as turmas participantes, com os filmes da nossa coleção, que podem consultar

[AQUI](#). Bons filmes!